

FRANCISCO J.C. DANTAS

# Uma jornada como tantas

ALFAGUARA



Copyright © 2019 by Francisco J.C. Dantas

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

Elisa von Randow

*Foto de capa*

*Sem título*, de Santídio Pereira, xilogravura, 50 x 63 cm. (Prova do artista).  
Galeria Estação

*Reprodução de*

Bruno Macedo

*Preparação*

Fernanda Villa Nova

*Revisão*

Valquíria Della Pozza

Marise Leal

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Dantas, Francisco J.C.

Uma jornada como tantas / Francisco J.C. Dantas.  
– 1ª ed. – Rio de Janeiro : Alfaguara, 2019.

ISBN 978-85-5652-093-7

1. Ficção brasileira I. Título.

19-28398

CDD-B869.3

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/editora.alfaguara.br](https://facebook.com/editora.alfaguara.br)

[instagram.com/editora\\_alfaguara](https://instagram.com/editora_alfaguara)

[twitter.com/alfaguara\\_br](https://twitter.com/alfaguara_br)

*à memória de David*

# 1

A lembrança do tempo carregado de nuvens cinzentas, que embaciavam e contraíam o horizonte, reatualiza e inflama as minhas recordações. Converte-se em metáfora sombria. E serve de moldura às circunstâncias deploráveis que penalizaram aquela viagem de minha Madrinha, entabulada em busca de valimento para o parto embaraçado. E uma viagem sob tais condições, encaminhada a céu aberto, havíamos de convir, seria uma empreitada temerária. Demandava uma escalada de cuidados.

— Sem um socorro que venha a calhar — era a voz consensual — a mulher de Teodoro está perdida. Não vai ter a menor chance.

Àquela altura, ao ouvir essa predição assim lavrada em palavras tão diretas e chocantes, debiquei cheio de pruridos: É exagero! Esse povo não cuida no que diz. De qualquer coisinha à toa, a língua pega a coçar e solta um aumento medonho. É bobagem.

A sequência dos fatos, no entanto, ditaria que a situação era mesmo desesperadora e, de sobejo, me cravava a lição de que a vigilância e as medidas preventivas nem sempre atalham a desgraça, que, aliás, nunca se dá por satisfeita. Eu sou quem, por temer o desamparo, fabulava então uma lógica fajuta, me recusava a admitir que, já castigado pelo sumiço da mãe verdadeira, o des-

tino tornasse a me perseguir, a me tirar os pés do chão, pegando pesado logo com aquela que, na qualidade de mãe adotiva, me abrandara o desconsolo de bezerro desmamado. Tanto é que, com poucas semanas em sua companhia, fui me soltando pouco a pouco. Recuperei a vontade de viver.

Infelizmente, naquele oco do mundo de então — tamanho de um ovo —, como maliciavam os mais brincalhões, não contávamos com nenhum recurso que nos acudisse num momento de aperto rodeado pela morte. O impasse ficou tão feio, tão fora de controle que, acometido pela consciência de nosso abandono, eu não tardaria a converter aquele gracejo numa súplica ardorosa: “Fazei, meu Deus, que o vaticínio lançado sobre a Madrinha seja mesmo leviano... Que não passe de um engano”.

Naquela idade eu não sabia dimensionar as implicações decorrentes de nossa penúria. São cinquenta e seis anos. Os rapazinhos daquele tempo não éramos espertos como os de hoje. Nem contávamos com qualquer apoio assistencial que evocasse o ramo da medicina. Médico... ambulatório... enfermeiro... farmacêutico... ambulância... hospital... eram nomes que não corriam entre nós. Passei a primeira mocidade chamando médico de “doutô”; farmácia de “botica”. Estávamos excluídos de um padrão de vida mais civilizado, que se regesse por uma ordem cidadã. Afinal, maternidades já haviam sido implantadas em algumas cidades de nosso Sergipe, mas eram praticamente inacessíveis às mulheres de nosso povoado. Nesse senão aquelas criaturas estavam relegadas à condição de bichos, desamparadas em todos os sentidos. Para completar-lhes o circuito dessa condição

sem qualquer alternativa, via-se que, se olhassem para trás, já não punham tanta fé nas soluções mágicas e religiosas. Àquela altura, pouco se acreditava em rezas, santos, amuletos...

A coisa não era boa. De véspera, a Madrinha viera perdendo um rio de sangue que ensopara camisolas, toalhas e lençóis. Não lembro se ouvi o nome “hemorragia”, mas a parteira Sinha Amália falara mais de uma vez em “sangria desatada”. Era jeitosa, mas um tanto convencida, cheia de suficiência. Devotada, esforçara-se bastante, apelara para todos os recursos de sua modesta “medicina”. Com um adendo: acompanharia a Madrinha no carro-de-boi pelas estradas lamacentas e esburacadas — pena que fosse uma criatura estacionada na estreiteza do lugar.

Com o tempo, me inteirei de que a nossa provação era terrível. Ali na Borda da Mata, lugarzinho ordinário e atrasado, tantas eram as vítimas ao dar à luz, que morrer de parto se convertera num acidente banal. O povo levava numa boa. Em condições análogas de feto enganchado, inúmeras mulheres haviam se finado. Corriam histórias de que a maioria delas abaixava a cabeça, desistia de lutar, largadas à própria sorte. Afeitas ao sofrimento das comparsas, sabiam que em situações semelhantes não adiantava lutar por alternativas impossíveis: o jeito era se entregar. Não havia outra saída. Aliás, nem sei se, na estreiteza do horizonte mental, cabia-lhes a expectativa de alguma outra escolha. Fatalistas e resignadas com o ditame do destino, elas desistiam cedo, a vida lhes ensinara que não costumavam durar. Sabiam, sim, da linha delgada que se interpõe entre a vida e a morte. Isso, sim, elas sabiam.

Cada novo filho que chegava podia assumir o lugar da mãe que partia. Mais das vezes, essa troca alvissareira, e por outro lado macabra, ocorria simultaneamente. Na tabuada de quase todas as famílias, enumeravam-se anjinhos órfãos, muita viuvez inesperada. Também havia solidariedade, sim, mas sobretudo nas sentinelas cantadas, nos velórios que varavam a noite e precediam a viagem ao cemitério. Sempre regados a cachaça.

Nessa questão toda é como se trouxessem a sensibilidade embotada pela própria tradição. Como se gerações e gerações tivessem, dia a dia, ano a ano, assimilando a mortandade, resignadas. E, com total indiferença, sedimentassem o pesadelo que já não lhes importava, passando o bastão adiante. É como se abraçassem do modo mais natural o fado das falecidas, conjuradas com situações que já tinham sido encontradas feitas, e que eram respeitadas, como se fossem sagradas.

Diante desse quadro, choveu meia dúzia de alternativas. Algumas delas, inclusive estapafúrdias, aventadas em tom de brincadeira. Até que, enfim, prevaleceu a saída mais razoável. Ali a Madrinha não poderia continuar, visto que os recursos locais tinham sido esgotados. Sendo uma professora esclarecida, filha de um homem bem de vida e casada com Teodoro, raciocinavam, seria uma maldade desnaturada deixá-la morrer à míngua, sem se tomar uma nova providência. O mais sensato seria mesmo acomodá-la num veículo rápido e confortável. Mas... como aviar um transporte à altura? É a pergunta que a seguir passamos a nos fazer.

Movido a tração cavalariça, contávamos apenas com um singelo e tosco modelo de carroças para baldear mercadorias, mantimentos e toda sorte de bagulhos. Era

lavra do próprio Teodoro Carpina, que, àquela altura, já não tinha a cabeça no lugar. Não se adequava a passageiros. Charrete e outras carruagens decentes só conhecíamos de figura. E a moda de sedans e automóveis ainda não chegara às nossas três ou quatro ruazinhas tortuosas e apertadas. Portanto, uma condução mais condizente estava fora de cogitação. Era um atraso de vida.

Choro... lamúria... clamores... A comoção é geral. Um monte de gente se comprime no alpendre espaçoso, aberto além da parede encimada pela platibanda. A cor da argamassa é indistinta, desbotada ao relento, mas persiste a guarnição de relevos em formato de ramagens, esverdeadas de limo. Fachada que chama logo a atenção, quase mesmo imponente, por ser única entre uma carreira de singelos telhados de biqueiras. Valia como distintivo do próprio Teodoro, como prova legítima de que também era um oficial diligente nos rudimentos da alvenaria. Estamos numa esquina da praça da Feira. Do lado oposto, rente ao meio-fio, o carro-de-boi está a postos, imerso num rescaldo da neblina que o solzinho vai esgarçando.

Carro-de-boi! Quem sacolejou o esqueleto nessa engenhoca condenada que o diga! Se é que não desconjuntou todos os ossos! Inclusive... o ligamento das canelas com os joelhos! Se, para qualquer passageiro saudável, a trepidação inclemente e a vagareza memorável eram suportadas como um pesadelo, imagine-se então o dano que não provocaria a uma gestante em trabalho de parto forçado! E que, havia semanas, já não conseguia montar em sela de banda (o famoso silhão,



apropriado a saias e vestidos) por mais dócil que fosse o animal. Por que falo em sela de banda? Para calar os fofoqueiros. Para patentear que ela preferia o conforto à ousadia. Embora mulher resolvida e dona do próprio nariz, a Madrinha não era moderna e espevitada a ponto de se afoitar a cavalgar escanchada feito um homem, desafiando os costumes. Aquela Borda da Mata não admitia esses modernismos...

O carro fora limpo e aparelhado de véspera, com um toldo de esteira de taboa recurvado sobre um arco de cipó, amarrado à espiga dos fueiros. Na falta de um teto mais consistente, essa cobertura engenhosa servira a gerações. Remonta a nosso Império. Mesmo causando a impressão de frágil e periclitante, havia séculos se mantinha inalterada. Dessa vez, devido ao ditame imprevisível, foi preciso engendrá-la de afogadilho, correndo contra o tempo, em conformidade com a passageira cujas condições vulneráveis valem como um chamado de urgência, um clamor da vida contra a morte.

Apesar dos anos, reponho os pés dentro da cena. Estamos abrigados da chuva sob o telhado do alpendre. Espremidos uns contra os outros, de ombros encolhidos e braços encruzados pela frieza da manhã, acompanhamos os preparativos da partida. A essa altura, Sinhá Amália já anda queimada da vida, pela contundência dos reparos de Teodoro à sua medicina rudimentar. Mesmo assim, embora bufando de raiva, reafirma a disposição de seguir pajeando e assistindo a parturiente até Aracaju. Ainda bem.

Ela adianta-se para as últimas diligências. Deixa o alpendre rosnando — com licença... com licença — até romper a aglomeração agitada. Ganha o pátio

enlameado e avança para o carro abraçada a um colchão enrolado. Saltita sob o chuvisco. Mas saltita em termos, visto que caminha carregada, toma cuidado para não patinar, como se não lhe bastasse o peso do próprio corpo rechonchudo. Os passos vão resvalando no barro escorregadio de tal forma que a trouxa de panos oscila-lhe na cabeça, resguardada sob a sombrinha encarnada que o vento tenta arrebatá-lo do pulso do rapaz que a protege espichando o braço pra cima.

A seguir, ela pousa a trouxa no tamborete do carro. Toma um alento, assopra com a chave das mãos pousada nas cadeiras. E só então desenrola e estende o colchão sobre o lastro envarado entre as arreias. Afofa-o com a ponta dos dedos, acomoda os cantos arrebitados ao pé dos fueiros e recobre-o com um lençol alvo e enfestado.

Alheio a tais preparativos, a atenção de Zé Carreiro concentra-se nos bois. Com a cara enfarruscada ali de parte, levanta os olhos até o alpendre, volta a conferir o horizonte e balança a cabeça em negativa. Parece deplorar: Virge! Há gente como formiga. Hoje a chuva não esbarra. Ainda vai cair um lote d'água. E meus bichinhos não gostam disso...

É evidente que se sente amolado com o vaivém buliçoso que irrita e inquieta os seus bois. E, do jeito que abana a cabeça enquanto perscruta as nuvens, já perdeu a esperança de uma manhã estiada.

Infelizmente, estamos naqueles raros dias de chuva desregrada. E isso piora tudo: empecilhos, que vão aparecendo um atrás do outro, atravancam e ameaçam a viagem... afetam e bagunçam a vida do povoado. Despenca uma rajada mais forte, e ele trota para apadrinhar-se na ombreira da casa vizinha. Esbate-se tanto contra a porta,

encolhendo a barriga suprimida, que o talhe se estica mais esguio. O pé da vara está entalado entre as pernas, e da ponta encastoadada, na base do ferrão, voltada para cima, escorre a água da chuva. Ele aproveita: esfrega e reesfrega as mãos uma contra a outra a banhá-las. Como é de praxe, não demonstra o menor comprometimento, o mínimo interesse em deferência ao momento, não liga para ninguém. É sempre assim: o mundo pode desabar à sua volta, desde que não afete a pachorra dos seis bois.

Pela natureza da situação, que de alguma forma o envolve, um cronista de hábitos urbanos diria que, no mínimo, falta-lhe civilidade e elegância, se essas palavras se encaixassem ali. Ou que essa postura ofendida confere que ele amanheceu maldisposto. Abstraído do alvoroço circundante, é como se não aguardasse a Madrinha. A cara de fastio também intriga a qualquer desavisado.

Hoje, porém, conhecendo lances de seu passado e vendo a coisa de tão longe, posso confirmar que o mau humor apregado naqueles traços faciais duros e inalteráveis, parados ali na frente, não refletia um capricho momentâneo. O desprezo pelo semelhante era, havia anos, a sua postura habitual. O feijão com arroz de todos os dias, cujas raízes, àquela altura, ainda eram um mistério para mim. A cara amarrada refletia o entono insolente de quem se conduz à revelia do mundo. Era um cristão marcado pelo azedume. Pegara fama. A rigor, só se entendia bem com os próprios bois.

O pessoal está irrequieto. Veio mais gente. Ah, povinho curioso e alvoroçado! Comprimidos uns contra os outros, continuamos abrigados sob o telhado do alpendre. Acompanhamos, coado pela cortina do chuvisco, o vaivém em torno do carro. Muita conversa

alta entre nós, uma verdadeira algazarra. Somos parte da confusão geral que precede a partida.

De repente, Teodoro Carpina aponta na porta do corredor. Veio do interior da casa. Trepida numa ânsia tão desesperadora, num sofrimento tão forte que todos silenciamos, voltados para ele, como se fosse uma aparição chagada. Está inquieto. Fareja o ambiente com o nariz afilado por cima das pessoas. Parece descontrolado. Procura Sinha Amália com os claros olhos penetrantes.

Lá adiante, com os braços sobre o lastro do carro, ela vai arranjando o colchão e os travesseiros de um modo que possam acolher e acomodar melhor a paciente, contra os percalços e o desconforto da viagem temerária. De repente, ele perde a paciência e alça a voz imperativa, de modo que seja ouvido mesmo com o barulho das bâtegas no telhado:

— Acabe logo com isso, ô Sinha Amália. Quanto arruma-arruma é esse... ó criatura! Não tá vendo que a mulher já anda trespassada!

As palavras atroam sobre a chuva. Ao pé dele, muitos de nós abaixamos a cabeça, constrangidos. Lá rente ao carro, adiante do pátio, Sinha Amália empina a cabeça e aquieta as mãos. Está contrariada, mas não responde. É como se perscrutasse o silêncio depois que a última palavra vibra no ar chegando-lhe um gosto de açoitado. Estacionara ali no carro há menos de dois ou três minutos; mas vejo que Teodoro, impaciente, regulado pelo tempo afetivo, vai achando que decorrerá uma eternidade... que os seus braços roliços se movem em câmara lenta.

Ela abaixa a cabeça, curva os ombros e volta a rejeitar o lençol e a coberta, sacode e estende um e outro aos repelões. As mãos estabanadas afofam mais o tra-

vesseiro a golpes despropositais, reclinam as almofadas batendo com os punhos, como se fizessem gosto em machucá-las. Afinal, depois de tudo exageradamente arrumadinho, espiga-se apurmando a coluna e, com um tom de desforço provocativo, brama ao pé do carro para o alpendre inteiro ouvir, abanando as mãos.

— Tá tudo pronto, seu Teodoro. Ande logo. Pode trazer a mulher.

O marido que, atacado dos nervos, carpia a própria inutilidade há cerca de trinta horas, volta pra dentro de casa. Vai apanhar a esposa. Na pressa, escapole do alpendre aos encontrões, levando tudo na frente como um pé de vento, e mal emboca no interior da casa, no travejar de uma suspiração, já reaparece afervorado com minha Madrinha acolhida em seus braços, resguardada por uma montanha de panos.

A chuva aperta a tal ponto que, nessa hora da alvorada dos galos, só se ouve um ou outro canto perdido. Menos ainda a algazarra dos passarinhos. Anda tudo encolhido nos abrigos abafados pela chuva. Mesmo assim Teodoro não trasteja um único segundo. Já perdera muito tempo... está determinado a se molhar...

Atravessa o alpendre abrindo os cotovelos para forçar a passagem no ajuntamento dos abelhudos que ajudam ou atrapalham. O aguaceiro aperta. Ele carrega a mulher oculta e aninhada em seus braços. Avança para o veículo agreste com a solenidade sagrada de quem carrega um tesouro. Segue sob o resguardo do velho guarda-chuva com uma das varetas arriada que tenho dificuldade em ir segurando sobre o casal, a modo de uma cúpula protetora. Luto com o pé de vento que quase me arrebatava das mãos frágeis o cabo volteado.

Lado a lado, vamos seguindo até o carro. Seus pés afundam na lama com vontade, em arrancadas violentas. As passadas se alargam. De forma que, mesmo trotando, mal consigo acompanhá-lo. Embica a cabeça e, com a ponta dos dedos, encalca o chapéu que afunda até torcer-lhe as orelhas. São apenas cerca de quarenta braças, mas como o carro parece longe...

Acolhida em seus braços, minha Madrinha não pode se molhar. O vento é forte. Inclino mais o guarda-chuva sobre eles, agora seguro com mais firmeza, mas isso não impede que o chapéu com que ele lutara comece a avoar. Com o seu inútil negaceio para retê-lo sobre os cabelos de fogo, a Madrinha estremece de susto e abre os braços, roçando os cabelos pegajosos no meu peito, como se pedisse acolhida. Maquinalmente, as mãos pálidas e molengas se espicham para o meu braço que se deixa comprimir. A minha adolescência se encolhe como se expelisse um contágio ou mau augúrio das falanges recobertas da carne emaciada, com a textura de geleia, portadores de uma sensação aterradora que até hoje me dá vergonha relatar.

As passadas de Teodoro repercutem a tenência de sua dor: avançam e abrem rastros, espirram água pra tudo quanto é lado: o solado do sapato vai ringindo sobre o barro encascalhado até estacar rente ao recavém do carro reforçado pelo gualho, onde apoia os cotovelos, inclina os braços musculosos e, com as mãos abertas, põe a mulher dolorida na borda do colchão, resvalando-a docemente para o centro. É como se manejasse uma flor... depositasse uma oferenda.

Sinha Amália morde o beijo e vira os olhos para ele como se fosse plantar-lhe uma dentada. E, ainda com

as feições duras, move a Madrinha, segurando-lhe os ombros. Enfim, encarrega-se de acomodá-la.

Despedida. Hora crucial agravada por ele não saber lidar com o infortúnio que destroça a mulher e também pela dúvida de ser ou não ser a derradeira. Calado, Teodoro frisa o cenho que mais parece um lajedo projetado sobre os olhos assustados. Prossegue indiferente à corda de chuva que lhe escorre pelas costas, como se batesse numa estátua. Conturbadíssimo, mareado, mal destrava os dentes para soltar estas palavras:

— Deus acompanhe a todos. Assim que sossegar os meninos, fecho a *tenda* e ganho logo a estrada. Ainda alcanço vocês no meio do caminho. — Um sorriso tímido se esboça no tentame de reanimá-la, mas não chega a encher-lhe a face, que começa a tremer. Nesse momento suscetível, ela suplica:

— Olhe pelos meninos, Teodoro. Olhe pelos meninos... Cuide bem de seus filhos.

Pra disfarçar a comoção que o domina, ele se volta para mim. E eleva a fala cavernosa, entrecortada do indisfarçável tom de conivência. E, então, repisa a mesma promessa que acabara de fazer à minha Madrinha, avivando assim o pacto que havíamos selado anteriormente. Fala somente para que ela possa ouvi-lo.

— Logo-logo vou no encalço de vocês. É só o tempo de sossegar os meninos espalhados na casa de Alexandre Hosana. — Aponta o queixo para mim: — O nosso Valdomiro aqui segue em meu lugar. Não deixe faltar nada à sua Madrinha. Ouviu?

Ela escuta direitinho e então suspira com um ar de riso que não chega a quebrar a tristeza que lhe ensombra o semblante consumido. Sabe, por experiência de tantas

outras vezes, que ele está esgotado. Não aguenta mais vê-la prostrada. Se o sofrimento persistir... é bem capaz de se matar. Está certa de que aquelas palavras não se cumprirão, que caminhará sozinha até o seu destino...

Mal se despedira da mulher, rodopiou nos calcanhares e saiu travejando das passadas incertas, como um cavalo trôpego das pernas que estão cansadas. Um menino vem correndo e entrega-lhe o chapéu que avoara. Na baeta encharcada, ele esconde a cara deformada pela dor. Está molhado como um pinto. Os pés enérgicos voltam a barulhar no terreiro empiçarrado e, devido à altura desmedida, as pernas de compasso seguem meio tortas, quase a desabar. Após outra rodopiada como se estivesse perdido, ele enfim pega o prumo e só esbarra na soleira do alpendre. Esfrega os pés no capacho de arame, que retém parte da lama. Resvala, entre nós, com um semblante tão carregado, um silêncio tão grave, que outra vez nos calamos, enquanto ele desaparece corredor adentro.